

## O ESTRESSE ANIMAL PARA FINS DE ENTRETENIMENTO HUMANO EM ZOOLOGICOS E A PRESERVAÇÃO DE ESPÉCIES EM RISCO DE EXTINÇÃO

*ANIMAL STRESS FOR PURPOSES OF HUMAN ENTERTAINMENT IN ZOOLOGICALS AND THE PRESERVATION OF SPECIES AT RISK OF EXTINCTION*

Luiz Eduardo Pereira<sup>1</sup>  
Paola Vieira da Silveira<sup>1</sup>

**Resumo:** Este texto busca apresentar o dilema ético que gira em torno dos zoológicos terem função de preservar espécies com risco de extinção por meio de pressupostos normativos consequencialistas e pressupostos metaéticos cognitivista realista. O objetivo é analisar se os zoológicos realmente se apresentam como esferas para preservação das espécies ameaçadas de extinção considerando seus contrapontos. Para isso foram utilizadas fontes bibliográficas e audiovisuais. Dentro dos pressupostos estabelecidos observa-se que muitas vezes o atrativo do zoológico ter uma espécie em extinção para ser exibida ressoa mais que a intenção de dar durabilidade a espécie.

**Palavras-chave:** Zooética. Zoológicos. Preservação da espécie.

**Abstract:** This text seeks to present the ethical dilemma that revolves around zoos having the function of preserving at risk of extinction by means of consequentialist normative assumptions and realistic cognitive cognitive assumptions. The objective is to analyze whether zoos really present themselves as spheres for the preservation of endangered species considering their counterpoints. For this, bibliographic and audiovisual sources were used. Within the assumptions it is observed that often the attraction of the zoo as an endangered species to be exhibited resonates more than the intention to give the species durability.

**Keywords:** Zooetics. Zoos. Preservation of the species.

### INTRODUÇÃO

Este trabalho tem como objetivo abordar o dilema dos zoológicos, utilizando de pressupostos normativos consequencialistas e metaéticos cognitivista realista, trazendo

---

<sup>1</sup> Acadêmicos de Licenciatura em Filosofia - UFSC. Email: Vieirapaola@gmail.com.

os contrapontos positivos e negativos da manutenção destes espaços, e sua importância ou não para a preservação de espécies ameaçadas de extinção.

Os zoológicos surgem no Egito, há cerca de 5.500 anos, com exposições de grandes mamíferos e aves, e já na idade moderna é popularizado na Europa, com animais extraídos da África, altamente explorado pelo velho continente, inclusive com nativos do continente africano que eram trazidos para a Europa e expostos nas mesmas condições em que os animais, como algo exótico trazido de um “outro mundo” distante e pouco conhecido. Naquela ocasião, os zoológicos tinham função meramente de entretenimento e exploração animal, sem grandes preocupações com o bem-estar e saúde dos animais expostos. Longe do habitat natural, muitos animais definhavam sob forte estresse, com jaulas extremamente pequenas e inadequadas, até sua morte.

A partir da década de 1960, os zoológicos, além da função de entretenimento para humanos, perceberam que possuíam potencial para desempenhar uma função de preservação da vida selvagem, passando a gradativamente a preocupar-se com a saúde e manutenção de espécies com risco de extinção, mantendo sua criação em cativeiro, para fins de estudo, armazenamento de material genético e ocasionalmente a tentativa de sua reintrodução na natureza. (CASTANHARI, COSTA, ROFATO, DIAS, 2017).

Entretanto, os zoológicos para captarem receitas e continuar com a manutenção destes cuidados, acabam por expor os animais em espaços, muitas vezes, pequenos e pouco confortáveis, apesar de cada vez menos ser utilizado o conceito de jaulas, que implicaria mais ainda no quesito de inadequação. O funcionamento de zoológico como entretenimento humano levanta críticas de parte da comunidade ambientalista, em contrapartida, há biólogos e ecologistas que reconhecem que a exposição da vida selvagem em zoológicos é um meio necessário, no atual cenário de mundo, no intuito de receber capital e recursos para que os animais em perigo de extinção tenham mais chances de sobrevivência e uma prorrogação da preservação de sua espécie.

## ALGUMAS REFLEXÕES

Considerando um pressuposto ético consequencialista, onde o correto é aquilo que produz os melhores resultados, procuramos investigar se os zoológicos produzem os melhores resultados quando se fala em preservar as espécies. A seguinte questão é levantada: Por que preservar as espécies? Seria uma mera vaidade humana de um desejo de manter espécies ainda vivas para sua apreciação, ou uma forma de compensar o dano causado pela atividade humana, como caça ou deterioração dos habitats naturais, etc.

Se olharmos em longo prazo, é plausível pensar que a extinção de espécies não provoque grandes mudanças no ecossistema do planeta, como sabemos, grande parte das espécies que já habitaram o planeta hoje estão extintas, e sua ausência não afeta a vida atual. Entretanto é importante lembrar que são adaptações de milhões de anos, a extinção dos seres da era do cretáceo, hoje, não tem impacto significativo, mas implicou em grandes mudanças no ecossistema em curto prazo.

Conforme o biólogo e paleontólogo Paulo Miranda Nascimento (2017) é importante preservar as espécies, pois seus hábitos influenciam no ecossistema que habitam. Como lobos que são predadores de topo de cadeia, foram reintroduzidos no parque Yellowstone em 1995, fazendo com que veados evitassem freqüentar as margens dos rios, aumentando a incidência de plantas das margens, com o tempo fez com que pássaros freqüentassem o local, assim como castores que se alimentavam de árvores que ali cresceram. Tudo isso fez com que uma diversa fauna prosperasse naquele parque, inclusive fazendo com que o comportamento e cursos dos rios ali presentes (HUMAN, 2014).

Cada animal é importante no ambiente em que ele ocupa, assim, sua extinção acarretaria em impactos negativos imediatos. A natureza tende a se recuperar destes danos, encontrando naturalmente e evolutivamente um substituto para exercer sua função, se assim o for necessário. No entanto, esse é um processo evolutivo muito lento, e não traz resultados no curto prazo, que é o período em que nos encontramos e devemos lidar nos próximos milhares de anos. (NASCIMENTO, 2017).

Em abril de 2020, devido a pandemia de Sars-Cov-2, o zoológico de Hong Kong manteve-se fechado para visitantes, proporcionando o acasalamento de um casal de ursos panda após 10 anos de tentativas frustradas, algo considerado raro em cativeiro, e muito se deve ao menor índice de estresse e privacidade percebida por estes animais sem uma multidão a observá-los. (BBC,2020). Com esta notícia podemos levantar o questionamento: Se zoológicos tem esta função de preservação de espécies, e em 10 anos não foram capazes de proporcionar ambiente adequado para que estas espécies consigam tal feito, então o papel dos zoológicos está sendo realizado de forma satisfatória? Apesar das dificuldades com a reprodução natural dos ursos pandas, os zoológicos conseguiram um grande feito para esta espécie através de reprodução por inseminação artificial, e um levantamento feito em 2015 mostra que sua população

aumentou desde 2003, deixando de ser considerada uma espécie “em perigo” para “vulnerável”. (WWF, 2015).

O Brasil possuía no ano de 2016, 111 zoológicos, sendo destes 77 considerados inadequados para seu funcionamento de acordo com as normas e diretrizes do Ibama, e nas duas últimas décadas 44 unidades foram fechadas por imposição da instituição, sendo as inadequações percebidas “[...] remédios vencidos, desnutrição dos animais, contato recorrente com animais domésticos, espaços pequenos, mortes precoces das espécies, estruturas precárias, poluição sonora e superlotação.” (CASTANHARI, COSTA, ROFATO, DIAS, 2017).

Algo que não passou despercebido pelo Ibama ao fechar estas unidades, foi as significativas quantidades de óbitos dos animais em zoológicos.

Em Goiânia foram registradas 148 mortes entre 2009 e 2010, das quais 81 foram investigadas pela polícia. Em seis meses o zoológico da capital goiana perdeu duas girafas, dois hipopótamos, um leão, uma onça, um tamanduá-bandeira e após perder o sétimo animal de grande porte, um jacaré-açu, o local foi interditado e reabriu três anos depois. O zoo do Rio de Janeiro teve perda de 20% dos seus animais em apenas uma temporada e, em Belo Horizonte, morreram 83 espécies entre 2015 e 2016. Em 2017 o zoo municipal de Montes Claros foi fechado por tempo indeterminado por haver animais sendo alimentados de forma inadequada e por haver espaços abandonados.

Segundo dados da antiga SZB (Sociedade de Zoológicos e Aquários do Brasil), atual AZAP (Associação dos Zoológicos e Aquários do Brasil), no ano de 2016 no Brasil, 63% dos zoológicos e aquários são instituições públicas, 26% são privados, 8% são administrados por fundações e ONGs, e 3% são mistas. (CASTANHARI, COSTA, ROFATO, DIAS, 2017). A AZAP ainda aponta que a quantidade total de animais nestes estabelecimentos chega a 50 mil, e os tratamentos e cuidados necessários demandam um alto custo, sendo necessário o investimento em estudos “genéticos para catalogar e sequenciar o DNA dos animais, em nutrição para fornecer a alimentação adequada para cada animal [...], e em microbiologia para conhecer e trabalhar em cuidados para possíveis doenças e problemas que afetam a fauna.” (CASTANHARI, COSTA, ROFATO, DIAS, 2017).

Medeiros (2018) aponta que não é coerente afirmar que os zoológicos prestam um serviço de preservação de espécies, pois o termo preservação está ligado a não interferência humana no habitat natural de animais ou de flora. Seria correto então afirmar que o que o zoológico se propõe a fazer é a conservação das espécies, que prevê

auxiliar a sobrevivência de espécies com a interferência humana, no entanto, a autora afirma que estes dois conceitos são comumente confundidos até mesmo entre autores das áreas ecológicas. A autora chama a atenção para uma reflexão: Qual o sentido em conservar as espécies em cativeiro para uma tentativa de reintrodução em seus habitats naturais, a medida que os habitats naturais estão sendo degradados exponencialmente acelerados? Não havendo onde reintroduzir estes animais, há sentido em mantê-los em cativeiro apenas pela manutenção da espécie?

A União Internacional para a Conservação da Natureza (1987), faz algumas ressalvas quanto a reintrodução das espécies na natureza, dentre elas, aponta para que os locais onde ocorreram as extinções originárias terem suas causas neutralizadas, além de não haver reintrodução no caso da espécie ter sido extinta por mudanças no habitat que permanecem sem solução. Medeiros (2017), conclui que, com a degradação de habitats cada vez mais avançada, se torna mais difícil ainda cumprir os requisitos básicos para que o processo de reintrodução seja viável.

A presidente do na época SZB, atualmente AZAB, Yara de Melo Barros, em uma entrevista a revista *Ciência Hoje*, defende a conservação das espécies justamente pelo fato dos habitats estarem cada vez mais degradados:

“Se considerarmos o ritmo de perda e degradação dos habitats, a criação de reservas naturais é cada vez menos possível, e não se aplica a qualquer animal, especialmente aos que requerem cuidado intensivo. A questão central é fazer com que essas instituições [os zoológicos] sigam padrões éticos no tratamento dos animais, fundamentais à conservação da natureza.” (GARCIA, 2014).

No entanto, Moreira (2017) volta a questionar o sentido de se conservar e reproduzir as espécies em cativeiros, pelo fato de sua reintrodução estar cada vez mais difícil conforme a degradação ambiental avança, simplesmente por mantê-las vivas e sem qualquer esperança de reintrodução.

Keulartz (2015) indica a existência de alguns obstáculos estruturais e funcionais dos zoológicos frente a meta conservacionista, dentre eles, o autor aponta para o fato de que uma grande parte dos animais exibidos em zoológicos tem seu estado de conservação seguro ou pouco preocupante, não justificando o ponto de vista conservacionista para a manutenção dessa espécie em cativeiro. O que leva os zoológicos a não abrirem mão de exibirem estes animais pouco preocupantes, é pelo fato de geralmente serem os que mais atraem público visitante.

Nascimento (2016) também faz essa observação, dando exemplos de algumas espécies que estão em grande risco de extinção, como o mutum-do-nordeste, ou a salamandra-gigante, que geralmente não atraem atenção do público, pois no caso do mutum-do-nordeste é uma ave de porte pequeno, e o segundo pode ser considerado desagradável aos olhos do público. Sendo então necessária para a arrecadação de recursos financeiros a exibição de animais que atraiam o público, incluindo o público infantil, em sua maioria animais de grande porte, como grandes felinos, grandes herbívoros (girafas, por exemplo), os da família ursidae.

### CONSIDERAÇÕES FINAIS

Existem diversas opiniões sobre o funcionamento dos zoológicos, que de fato é um dilema dentro das áreas de biologia e áreas afins, não tendo uma solução definitiva para este problema. Enquanto ecológicos defendem a manutenção de zoológicos para a conservação da espécie, apesar dos problemas conhecidos existentes, zoólogos em grande parte não vêem muito sentido em conservar espécies apenas por sua conservação, sem ter esperança de reintrodução na natureza, e fazer parte novamente do ecossistema pertencente. Do ponto de vista ético consequencialista, fica a reflexão: conservar os animais em cativeiro é correto por ser bom para quem? Se este animal não ter reais chances de ser reintroduzido, qual o sentido do ponto de vista ético? Aparentemente não há, pois estaríamos apenas exercendo o papel humano da vaidade de ter estas espécies mantidas vivas para nossa apreciação, com animais nascendo, crescendo e vivendo em condições que não são as naturais dele, provavelmente morrerão sem sequer ter contato com seu habitat. No entanto, em casos em que possuam chances de reintrodução, e possam integrar e ocupar seus ambientes e ecossistemas, como no exemplo citado dos lobos em Yellowstone (HUMAN, 2014), o pressuposto ético citado passa a ser validado. Um ecossistema local inteiro modificado e enriquecido pela reintrodução de uma única espécie inicial, faz com que haja um leve otimismo acerca destas questões.

### REFERÊNCIAS

BBC (Brasil). **CORONAVÍRUS**:: graças a isolamento, pandas em zoológico acasalam após dez anos de tentativa. graças a isolamento, pandas em zoológico acasalam após dez anos de tentativa. 2020. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/geral-52100140>. Acesso em: 20 jun. 2020.

CASTANHARI, Laiza; COSTA, Isaque; ROFATO, Karina; DIAS, Maria Carolina. **Os dilemas éticos da preservação animal:: zoológicos x santuários.** Zoológicos X Santuários. 2017. Site da disciplina de Jornalismo Especializado I e II, da Unesp.. Disponível em: <https://jornalismoespecializadounesp.wordpress.com/2017/11/02/os-dilemas-eticos-da-preservacao-animal-zoologicos-x-santuarios/>. Acesso em: 19 jun. 2020.

GARCIA, Marcelo. Entre a preservação e a loucura. Ciência Hoje On-line, Rio de Janeiro, jun. 2014. Disponível em: < <http://cienciahoje.org.br/acervo/entre-a-preservacao-e-a-loucura/>>. Acesso em: 20. jun. 2020

HUMAN, Sustainable. **How Wolves Change Rivers.** 13 fev. 2014. Youtube: SustainableHuman. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=ysa5OBhXz-Q>. Acesso em: 19 jun. 2020.

KEULARTZ, Jozef. Captivity for conservation? Zoos at a crossroads. Journal of Agricultural and Environmental Ethics, v. 28, p. 335–351, 2015.

MEDEIROS, Anna Paula Simões. **ZOOLOGICOS::** uma análise crítica acerca de seus papéis e de sua eticidade. 2018. 105 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Programa de Pós-graduação em Bioética, Ética Aplicada e Saúde Coletiva, Universidade Federal Fluminense, Niterói-rj, 2018. Disponível em: <https://bit.ly/MedeirosAnapaula>. Acesso em: 02 maio 2020.

NASCIMENTO, Paulo Miranda. **O dilema dos zoológicos.** 162ed. 2 jun. 2016. Youtube: Canal do Pirulla. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=twxF074WgiY>. Acesso em: 02 maio 2020.

NASCIMENTO, Paulo Miranda. **Por que preservar as espécies?:** resposta a alexpyron. 136.4ed. 30 dez. 2017. Youtube: Canal do Pirulla. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=znJMRvpZXyQ>. Acesso em: 18 jun. 2020.